

Três histórias de um tempo difícil

Camelô, administrador e empresária vivem o drama dos juros altos de formas diferentes, mas têm em comum o medo de um futuro incerto

Ricardo Mendes
Da equipe do **Correio**

A crise abala reservas infinitamente menores do que as do Banco Central. Que o diga o motorista desempregado Dianari Bosco da Silva, 49 anos. Sua geladeira guardava ontem apenas meia cebola, meio litro de vinagre, um saquinho de queijo ralado, 17 ovos, cinco garrafas com água e uma lata aberta de massa de tomate. No almoço, comeu arroz e salada. Atolado em dívidas, recebeu na quarta-feira aviso de que sofrerá um corte de energia se não pagar até o próximo dia 10 a conta de luz, atrasada desde setembro.

Dianari não perdeu dinheiro com ações, nunca teve cheque especial e, por estar desempregado, não pretende assumir novas dívidas e se submeter à alta dos juros. Ainda assim, sabe que a crise desencadeada pela queda das bolsas acabará por atingi-lo, pois sobrevive hoje com aproximadamente R\$ 400 ganhos mensalmente na venda de bijuterias, vassouras e prendedores de cabelo. "Eu estou vendendo menos, e tenho medo de não ter como pagar minhas dívidas", preocupa-se. Até 30 de dezembro, ele terá de reunir R\$ 1.926,55 para cobrir os cheques pré-datados que usou para comprar as mercadorias.

O desempregado mora na Expansão do Setor O da Ceilândia, a 35 quilômetros da Esplanada dos Ministérios. A casa de três quartos é sua, comprada em 1986 em um programa habitacional do governo do Distrito Federal. Os 62 metros quadrados do imóvel são compartilhados pela mulher de Dianari, Maria Zuila, 43 anos, e dois filhos adolescentes — Jairo, 14, e Jerry, 16.

Todos se revezam na banquinha de mercadorias que a família mantém no bairro. Para garantir o ponto, Dianari acorda às 6h30 e segue para o estacionamento de um supermercado para ocupar uma vaga.

Em outubro, dias antes da tempe-

tade nas bolsas, Dianari assumiu novas dívidas, que só começaram a ser pagas em dezembro. Comprou dois sofás e uma máquina de lavar roupas em 15 e 12 prestações, respectivamente. Os juros do parcelamento aumentam de R\$ 729 para R\$ 1.157 o valor das compras. "A gente só pode comprar as coisas a prestação", lamenta.

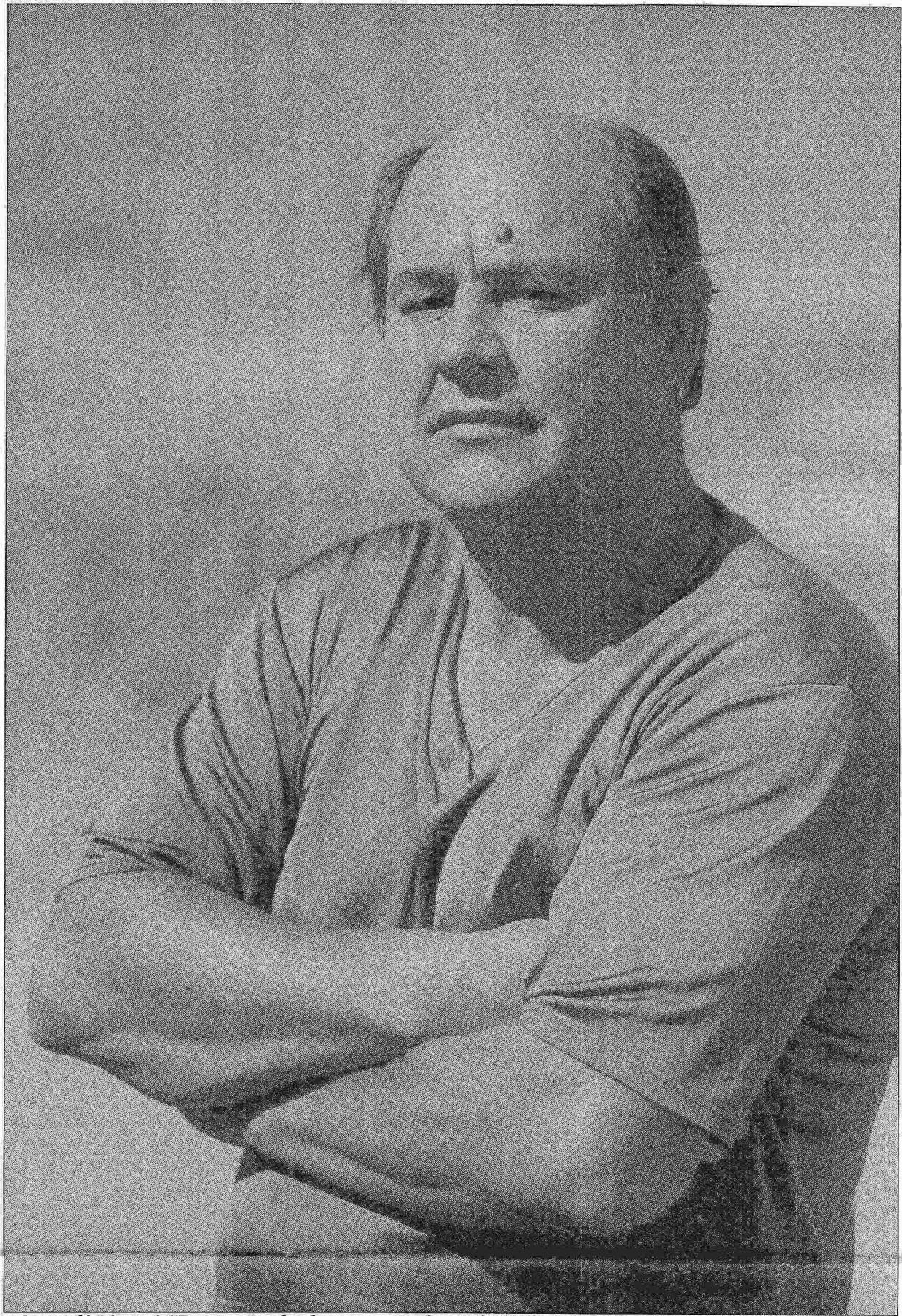
POLÍTICOS

Se tivesse mais dinheiro, ele compraria uma tevê nova para animar o fim de ano, pois a antiga está quebrada. "Acho engraçado quando aparece um deputado ou um ministro na televisão dizendo que o real melhorou a vida de todos", opina Dianari, um evangélico que se apóia na fé para não maldizer a vida. "Melhorou a vida de quem já tinha uma certa estabilidade, mas o desemprego aumentou muito."

Ex-caminhoneiro, Dianari não tem um emprego fixo desde dezembro de 1993 e vê a idade guiar para longe a esperança de mudar isso. Mas sua maior preocupação não é o desemprego, a geladeira vazia ou as dívidas. São os filhos, a quem ainda consegue dar entre R\$ 5 e R\$ 10 para que saiam no fim de semana. "Os jovens podem ficar tentados a mexer nas coisas dos outros", explica o pai, preocupado com a possibilidade de os rapazes acabarem seduzidos pelo padrão de consumo dos criminosos do bairro — um dos mais violentos do Distrito Federal.

Por ter estudado apenas até a 4ª série, Dianari não entende de juros, como admite. Ainda chama de Bamerindus o banco onde tem conta, o HSBC. Mas aprendeu, da forma mais difícil, a temer a distante classe dos economistas que trabalham para o governo. No final de 1989, ele vendeu uma kombi velha para comprar uma nova. Enquanto esperava a hora de fechar o melhor negócio, Fernando Collor assumiu a presidência e determinou o seqüestro do seu dinheiro. "Quando devolveram, já não valia mais nada", recorda.

André Corrêa



O camelô Dianari: "Eu estou vendendo menos, e tenho medo de não conseguir pagar todas as minhas dívidas"